

A Representação do Samba no Rádio Musical Expandido¹ Segmentar ou agrupar? Eis a questão...

Lena BENZECRY²
UFRJ

RESUMO

O trabalho objetiva retomar a pesquisa desenvolvida no doutorado em Comunicação e Cultura na UFRJ que resultou no livro *O samba no rádio: do Rio para o Brasil* (2017). Seguindo os passos da análise crítica da pesquisa original, que promoveu o intercâmbio entre abordagens e conceitos da Economia Política da Comunicação com os Estudos Culturais, este artigo dá prosseguimento ao trabalho de identificação e compreensão de fatores relevantes para a representação do samba no rádio, enfatizando, desta vez, o chamado rádio musical expandido (KISCHINHEVSKY; BENZECRY, 2014). Aqui, busca-se analisar mais atentamente a questão da quebra de fronteiras entre “samba de raiz” e “pagode” a partir da ampla disseminação do que chamo de “artistas fronteiriços” na programação. Metodologicamente o trabalho se baseou em revisão bibliográfica e escutas atentas e análise de conteúdo dos produtos selecionados.

PALAVRAS-CHAVE: rádio expandido; samba; pagode; representação; plataformas de *streaming*.

O samba no rádio carioca ontem, hoje e amanhã

O samba e o rádio foram, e ainda são, dois importantes instrumentos de comunicação, decisivos para os processos de formação e representação sociocultural. Quando unidos, ampliam ainda mais suas potências. Se, de um lado, temos o gênero musical popular que se consagrou como um dos principais símbolos da identidade cultural brasileira, do outro temos o meio de comunicação que mais contribuiu com esse feito, gerando e disseminando conteúdo musical e narrativas de ampla capacidade representacional, conforme pude comprovar em tese de doutorado defendida no PPGCOM da UFRJ em 2015, e posteriormente transformada em livro – sob o título de *O samba no rádio: do Rio para o Brasil* (BENZECRY, 2017).

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, e-mail: lena.benzecry@gmail.com.

O trabalho de pesquisa *stricto-sensu* foi concebido à luz da interlocução da Economia Política da Comunicação (EPC) e dos Estudos Culturais (ECs). A pesquisa viabilizou tal diálogo epistemológico, ao unir a abordagem histórica e crítica de autores ligados à dissidência ibero-americana da EPC, com a conceituação de representação dos ECs, advinda de Birmingham. Por intermédio dessa dupla abordagem, foi possível definir os parâmetros para construção de uma linha do tempo da história do samba no rádio, considerando eixos como: o modo de produção radiofônica predominante e os contextos político, social, cultural e tecnológico que atravessaram essa história.

Nesse sentido, é fundamental ressaltar, que a radiodifusão se desenvolveu em todo o Brasil, dentro da lógica comercial, após a aprovação do uso da publicidade como forma de financiamento das emissoras em princípio da década de 1930 (FERRARETTO 2012). Fato que agiu e ainda age de maneira direta sobre a programação radiofônica, seja ela informacional ou musical e, no que diz respeito especificamente ao samba, promoveu a imagem do samba urbano carioca Brasil adentro e afora.

Uma das principais conclusões do trabalho foi de que as representações do samba, em especial o samba urbano carioca, ocorreu de forma articulada com o chamado “circuito cultural do samba no rádio”³, como é o caso das identidades sociais associadas ao gênero musical e de aspectos relacionados às formas de produção, difusão, consumo e regulação da radiodifusão sonora, que implicaram diretamente na forma como o rádio absorveu e promoveu o samba, alimentando o imaginário social a seu respeito.

Os resultados foram obtidos a partir da delimitação e observação de três épocas essenciais da historiografia do rádio brasileiro, são elas: o Rádio Espetáculo; o Rádio Pós-TV; e o Rádio Pós-Internet. O trabalho de pesquisa se baseou num *corpus* de análise que privilegiou um programa de grande relevância para cada tempo, a partir dos quais foi possível identificar o papel do rádio no processo de construção de três representações mais frequentes acerca do samba urbano carioca: a primeira delas consistiu na participação do meio no processo de constituição do samba como música-símbolo da identidade cultural brasileira, a segunda remonta ao papel do samba como música de resistência e, finalmente, a terceira mostra como o rádio ajudou a consagrar a qualificação

³ A noção de circuito cultural envolve um processo de compreensão de fatores que se relacionam entre si promovendo as condições de significação cultural de um determinado texto ou artefato, conforme definição de DU GAY, Paul et al. Na obra *Doing Cultural Studies: the history of the Sony Walkman*. Segundo os autores, o circuito é formado por 5 partes que podem ser analisadas separadamente. São elas: Representação, Identidade, Produção, Consumo e Regulação.

“de raiz” para o gênero musical. Todas as três categorias representativas possuem sua trajetória de conformação e peculiaridades em termos de repertório. Entretanto, a ideia de “samba de raiz” foi especialmente utilizada para significar artistas e repertórios musicais específicos dentro do rico universo desse gênero musical no âmbito da radiodifusão sonora.

Mas samba e rádio são objetos vivos e, por isso, manter-se pesquisando-os é imprescindível. Desde a publicação do livro *O samba no rádio: do Rio para o Brasil* para cá, muitas transformações ocorreram na indústria onde o rádio musical se insere e estão afetando a forma como o samba é difundido e, conseqüentemente, representado. É buscando dar conta de acompanhar objetos de pesquisa tão ativos e inerentes à cultura brasileira e diante da convicção de que ainda há muita história do samba no rádio para ser escrita, que este artigo se justifica.

Num primeiro momento, o objetivo central do artigo era responder, ou pelo menos começar a responder, as seguintes perguntas: como as representações do samba urbano carioca como “música-símbolo do Brasil”, “música de resistência” e “samba de raiz” sobrevivem (pois sim, elas sobrevivem), no chamado “rádio musical expandido” (KISHINHEVSKY e BENZECRY, 2014)? Além dessas, que outras representações acerca do samba estão surgindo? Nesse novo rádio, a temática da representação e da segmentação desse gênero musical ainda é importante para a identidade cultural brasileira? Entretanto, no decorrer do trabalho de retomada da pesquisa, tornou-se pertinente (e mais prudente), rever a primeira questão, focando na representação do “samba de raiz” e deixando as outras duas para outra oportunidade.

Com base nessas questões, outra seleção de *corpus* foi realizada, tomando como critério as novas possibilidades de transmissão radiofônica. Desse modo, este artigo traz apreciações e análises preliminares acerca de uma web rádio dedicada a tocar essencialmente sambas e choros, a Viva o Samba (<https://radiovivaosamba.com/>); dos canais “samba de raiz” e “pagode” transmitidos pela TV por assinatura NET; e de playlists disponíveis na plataforma Deezer, a exemplo de “Eu sou o samba”, “Samba de Raiz” e “Samba Sim Senhor”⁴ e ainda faz uma ponte com o programa *Samba amigo*, atualmente extinto, mas que ocupou a grade da versão online da rádio Globo FM.

⁴ O critério para seleção dessas três listas é explicado mais adiante.

Panorama no samba urbano carioca no rádio musical expandido

Há uma década no ar, a web rádio Viva o Samba é a concretização do sonho de se criar a própria rádio, e faz jus à ideia romântica sobre o uso das novas tecnologias e modalidades de produção radiofônica da era digital (BENZECRY, 2018). Fruto da perseverança do bancário Luiz Carlos Correa, também conhecido como Lucaco, e sua companheira, a comerciante Aglaise Silva e Souza, a web rádio dedica-se a tocar, exclusivamente, samba e choro. Ao longo de sua trajetória, a rádio foi se aperfeiçoando tecnicamente e atualmente funciona a partir de uma plataforma de serviços padrão para criação e gerenciamento de web rádios: a *brlogic* (<http://www.brlogic.com>), que fornece os serviços necessários para que usuários “leigos”, como Lucaco e Aglaise, administrem sites com *streaming* de áudio, serviço de auto DJ e aplicativos para consumo de seus produtos via *smartphones* e *tablets*.

Munidos dessas facilidades tecnológicas, a dupla deixa claro no texto de apresentação da rádio que o projeto tem um caráter utópico, missionário e emocional, voltado principalmente para a veiculação do samba na web. Mais que isso, o projeto aposta na veiculação da figura do sambista, sobretudo daqueles e daquelas que não encontram espaço para mostrar seu trabalho nas rádios comerciais.

O que faz uma pessoa que não tem sonhos? O sentido da vida está em buscar e realizar a cada dia um pedacinho do sonho que nós temos, seja o sonho mais simples ou mesmo aquele sonho impossível. Se é que existe um sonho impossível quando se acredita nele. O Projeto da Web Rádio Viva o Samba surgiu por boas influências do meu incansável, batalhador e grande amigo Jair do Pandeiro⁵, meu pai. O meu "véi" sempre percorreu as rádios e outras mídias para conseguir um espaço para mostrar o trabalho do seu grupo "Compasso da Vila". Nunca desistiu do seu sonho, mas na maioria das vezes as portas não se abriram. Assistindo a essa luta diária pensei em criar este espaço livre, onde o meu "véi" pudesse mostrar o valioso trabalho do seu grupo, sonhei mais, sonhei para todos os artistas que se dedicam e fazer com muito amor e sacrifício a sua arte, para todos reservei um pedacinho deste projeto. (Trecho extraído da aba “Quem Somos” no site da webrádio Viva o Samba <http://radiovivaosamba.com/pagina/2298/quem-somos>).

A programação musical é executada pelo sistema de “auto Dj”, mas para humanizar a técnica, Lucaco e Aglaise criaram o nome de “Adamastor, o locutor” para representar a figura do radialista. A imagem abaixo exibe um *printscreen* da *home page*

⁵ Jair Corrêa, o Jair do Pandeiro, integrou o grupo Compasso da Vila que entre diversos trabalhos acompanhou o cantor e compositor Martinho da Vila no disco gravado em 1997 "Butiquim do Martinho". Segundo o Dicionário Cravo-Albin de Música Popular Brasileira, O disco alcançou no primeiro mês 40 mil cópias vendidas. Uma das faixas gravadas pelo grupo, a música "Sintonia do amor", ficou por muito tempo nas paradas das rádios AM e FM.

da rádio. No topo, ao lado dos símbolos das redes sociais Facebook e Twitter, um texto dinâmico apresenta o nome do programa que está em andamento (no caso é o Buteco do Samba), seguido das informações relativas ao repertório: número da faixa, título da música, intérprete, nome do disco e compositores da música em questão.



FIGURA 1: *Printscreen* da tela inicial da web rádio Viva o samba, capturado pela autora em 6 de julho de 2019.

Esse conjunto de informação, como sabemos, nem sempre está presente num programa padrão do rádio musical comercial hertziano, especialmente de forma tão completa. Seja por falta de tempo, seja por falta de uma cultura mais consolidada na radiodifusão sonora em relação a essa prática. Entretanto, nos programas dedicados a tocar o chamado “samba de raiz”, constatou-se na pesquisa anterior que esse tipo de informação costuma ser priorizado (BENZECRY, 2017). O interessante é refletir que o modelo técnico da web rádio, em que as informações transmitidas contam com o apoio textual e imagético para complementar a informação sonora, essa prática se torna não apenas mais viável, como um diferencial em relação ao rádio tradicional.

Ouvindo atentamente por cerca de uma hora a *Viva o Samba*, e acompanhando as informações textuais fornecidas a respeito do repertório, é possível perceber que mais da metade do que é veiculado não está presente no rádio comercial musical hertziano. Na Viva o Samba, artistas que não compõem o *mainstream* musical, como Simone Lial e Chico Alves, dois nomes relevantes da cena carioca contemporânea de rodas de samba, mas sem força no mercado, tocam ao lado de nomes de extremo sucesso, como Zeca Pagodinho e Beth Carvalho. Esse tipo de atitude poder ser encontrada em alguns programas de rádio dedicados ao samba, como *Samba Social Clube* (atualmente na carioca Tupi FM; ou no tradicional *Adelzon, o amigo da madrugada*, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro), mas o

que chama atenção no caso da Viva o Samba é que a quantidade de artistas desconhecidos ou independentes é por vezes maior que a dos artistas consagrados pela mídia.

Outra característica marcante a respeito do repertório da *Viva o Samba* é que o tipo de samba tocado se caracteriza pelo estilo “de raiz”. O samba classificado como “pagode” pelo mercado de música fica praticamente de fora. As exceções ficam por conta dos artistas aos quais podemos classificar como “fronteiriços”, a exemplo dos próprios Zeca e Beth, ou ainda Jorge Aragão, Arlindo Cruz, entre outros. Uma composição deste último, aliás, era justamente o que estava tocando quando a imagem acima foi capturada.

Essa questão dos artistas fronteiriços começou a ficar evidente no meu processo de pesquisa à época em que finalizava a tese de doutorado, mais precisamente no final de 2014. Ao longo dos primeiros três anos de pesquisa, a divisão entre os segmentos **samba de raiz** e **pagode** se mostrava menos flexível no âmbito radiofônico. Segundo Trotta (2011), tais nomenclaturas se consolidaram como uma estratégia do mercado para orientar o consumidor e, sem dúvida, assim o fizeram por muito tempo. A segmentação do gênero se estabeleceu de forma tão acentuada, que passamos a distinguir as rádios que tocavam “samba” daquelas que tocavam “pagode”. Para citar dois exemplos de emissoras do Rio de Janeiro, tínhamos, à época, a rádio MPB FM que se orgulhava de contribuir com a representação do “samba de raiz” por intermédio do programa de maior sucesso na grade – o *Samba Social Clube* - e a rádio FM O Dia, que tocava prioritariamente pagodes ao largo da programação.

Entretanto, frequentando o mundo *offline* do samba urbano carioca para realizar as observações e entrevistas para a pesquisa de tese, pude averiguar um descontentamento dos músicos atuantes nas rodas da cidade em relação à distinção entre samba e pagode. Afinal, originalmente, a expressão pagode denominava o evento, isto é, a festa, em que o samba acontecia. Remetia a uma ambiência de confraternização, com músicos reunidos ao redor da mesa, tocando e se divertindo. Ao ser apropriada pela indústria da música, a expressão passou a se referir a um estilo de samba que vinha sendo promovido desde os anos 1990 e que se caracterizava por algumas diferenças musicais em relação ao samba mais tradicional (de raiz). No quesito ritmo, o andamento do pagode é usualmente mais acelerado, com exceção para aqueles classificados como “pagode romântico” (TROTТА, 2011); em termos melódicos e harmônicos, normalmente há uma simplificação de notas e acordes; e lyricamente, nota-se uma maior simplicidade das letras, com refrões repetidos infinitas vezes e a presença de versos com linguagem

mais acessível, cujo tratamento dos temas é mais explícito. Como exemplo, abaixo estão destacados dois pequenos trechos de composições de cada estilo que abordam o tema traição, bastante comum como fonte inspiradora de sambas. Os versos da esquerda possuem linguagem poética subliminar, enquanto os da direita são diretos e categóricos.

Sabes que vou partir Com os olhos rasos d'água E o coração ferido Quando lembrar de ti me lembrarei também deste amor proibido	Estou fazendo amor com outra pessoa Mas meu coração vai ser pra sempre teu O que o corpo faz, a alma perdôa Tanta solidão, quase me enlouqueceu Vou falar que é amor Vou jurar que é paixão
Trecho de <i>Amor proibido</i> , Cartola	Trecho de <i>Depois do prazer</i> , Grupo Só pra Contrariar

Paradoxalmente, ou não, o fato é que a divisão entre os segmentos musicais se fortaleceu tanto no mercado, que numa discussão mais fervorosa, chegávamos ao extremo de qualificar o pagode como um tipo de música que não era samba. Ainda em 2014, assisti os músicos entrevistados para a pesquisa rechaçando tal condição. O desconforto dava-se, sobretudo, diante de uma suposta segregação entre “sambistas e pagodeiros” e, a médio prazo, parecia que essa divisão perderia força, ao menos discursivamente.

Um bom indício rumo ao caminho de aproximação dos segmentos pagode e samba de raiz, que já prometia alterar a representação do samba no rádio, foi o programa *Samba amigo*⁶, que esteve no ar, pela Rádio Globo FM, desde o segundo semestre de 2013 até março de 2016, período em que a emissora marcou presença apenas pela internet⁷. Liderada inicialmente pelo radialista Robson Aldir, que veio a ser substituído por Zeca Marques, a atração era transmitida todos os sábados, entre 13h e 15h, obedecendo ao seguinte formato: um novo episódio era gravado a cada semana, tendo sempre um sambista como convidado. No estúdio, um auditório de aproximadamente cinquenta lugares, participavam, além do próprio apresentador, um elenco fixo de

⁶ O programa *Samba amigo* não compôs o *corpus* primário da pesquisa porque estreou numa época em que a delimitação já havia sido decidida. No entanto, não havia como concluir o trabalho, sem fazer menção a sua importante contribuição para a representação do samba urbano carioca no rádio do Rio de Janeiro, especialmente, devido ao fato dele ter sido veiculado por uma emissora que nunca, em toda sua história, entrou no páreo para perder audiência.

⁷ A Rádio Globo FM do Rio de Janeiro migrou um tempo apenas para a internet, a fim de ceder espaço no Dial para a Rádio Globo AM. Em junho de 2017, entretanto, a aquisição de um novo dial na banda FM permitiu que a emissora que esteve presente apenas na web voltasse a ocupar as ondas hertzianas sob a campanha “A nova Rádio Globo”.

músicos formado por instrumentistas e cantores que acompanham os convidados na execução de seus respectivos repertórios.

O grupo de samba que sonorizava e viabilizava o formato do programa era composto por representantes de ambos os segmentos. No violão, Luís Filipe de Lima, compositor, jornalista e arranjador, atuante em várias rodas de samba da cidade e diretor musical de espetáculos sobre importantes nomes da música popular brasileira; no cavaquinho, Alceu Maia, instrumentista consagrado, acompanhou por anos a madrinha do samba Beth Carvalho e já gravou discos e participou de shows de grandes nomes do samba como Paulinho da Viola, Roberto Ribeiro e Clara Nunes; na percussão, Pretinho da Serrinha, arranjador e compositor com forte presença na comunidade do Império Serrano e no carnaval carioca; e na voz, Anderson Leonardo, integrante do grupo Molejo e principal representante do pagode no programa.

A partir da observação *in loco* de um dia de gravação do programa, complementada por um bate-papo informal realizado com o apresentador e dois músicos do elenco fixo do programa – Luís Filipe Lima e Alceu Maia –, foi possível entender os objetivos da atração. Segundo eles, não há interesse em separar *samba* de *pagode*. “Samba é samba”, afirmou Robson Aldir. “Não estamos interessados nesse tipo de distinção”, complementou Luís Filipe, “por isso, contamos com o Anderson do Molejo na nossa equipe. A participação dele é incrível. Você precisa retornar aqui num dia em que ele esteja, a dinâmica é outra! Ele dá um tom divertido ao programa”.

O intercâmbio entre os músicos do programa e a presença de convidados ligados às duas vertentes do samba já eram um relevante prenúncio de que as fronteiras entre samba e pagode tendiam a se diluir e de que, nesse sentido, a o papel dos artistas fronteiriços tenderia a se fortalecer. O que ainda não é possível afirmar é se tal presença, à época, tratava-se de uma estratégia de aproximação, com olhos num futuro não tão distante, ou se era apenas uma forma mais imediata de ampliar o público consumidor do programa. Afinal, a partir do momento em que a segmentação que serviu para direcionar o consumo, passou a segregar o público em tribos excludentes, a indústria saiu perdendo.

Paralelamente, com a acentuação da digitalização da indústria da música e o advento da veiculação musical via canais de TV por assinatura e plataformas de *streaming*, chegamos a assistir uma hiper segmentação e rotulação de subgêneros e estilos musicais. Mas ao que tange o mundo do samba, parece existir a tentativa de deixar isso para trás. De

um tempo pra cá a presença de artistas que agradam ambos os públicos consumidores (“sambistas de raiz” e “pagodeiros”) vêm se mostrando mais marcante. Assim, assistimos os já tradicionais Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Beth Carvalho e Jorge Aragão marcando presença nas playlists dedicadas às duas vertentes, bem como, nomes da nova geração como Diogo Nogueira, Xande de Pilares e o próprio Pretinho da Serrinha. A possibilidade de difusão da obra dos artistas em ambos os segmentos não apenas torna viável e a reunião das tribos, como, promete ser muito mais interessante economicamente. Como reflexo desse movimento já começamos a encontrar no mercado canais de transmissão musical batizados de “samba e pagode”.

A exemplo disso, recentemente, os canais “samba de raiz” e “pagode” transmitidos pela TV por assinatura NET desde o advento do serviço, foram fundidos num só, afetando completamente o repertório. Antes, com exceção dos artistas fronteiriços que ocupavam ambas as listas, era humanamente impossível ouvir Cartola ou Velha Guarda da Portela na lista de Pagode; ou Ferrugem e Alexandre Pires na lista de samba de raiz. A partir de agora é possível ouvir de tudo, mas a proporção é absolutamente desigual.

Durante a fase de escuta e observação para a preparação deste artigo, uma hora num sábado à noite e outra hora num domingo à tarde revelaram sequências musicais com presença esmagadora do pagode. A cada cinco músicas de artistas atuais da cena do pagode, podia-se escutar uma música de algum artista fronteiriço. A presença de artistas ligados tradicional e exclusivamente ao “samba de raiz” não foi capturada nesses dois intervalos de observação, embora exista (ainda...).

Entre os motivos para uma diferença tão abissal, provavelmente, está a lógica de formação das listas por algoritmos. Mas qual é exatamente a lógica dessas programações? Como os algoritmos são programados? Há bastante pesquisadores debruçados sobre este tema, e certamente, esta pesquisa precisará dialogar com seus trabalhos, mas por hora, levanto algumas possibilidades: a) o volume de música gravada e digitalizada classificada como “pagode” é infinitamente maior que o volume de sambas de raiz; os fenômenos de execução nos *top hits* da vida também envolvem mais artistas do pagode que do samba de raiz; e esses artistas possuem a força de grandes gravadoras e produtoras musicais por trás de suas aparições. Considerando apenas essas três ponderações já fica razoavelmente fácil de entendermos o “massacre” que ocorre nas listas agrupadas. Resta seguir observando para ver se a situação se perpetuará ou se haverá uma nova reviravolta.

A título de curiosidade, o canal musical da TV por assinatura ainda não reagrupou o gênero sertanejo. Este ainda se subdivide entre sertanejo (sem qualificação adjacente) e “sertanejo universitário”. Vejamos até quando...

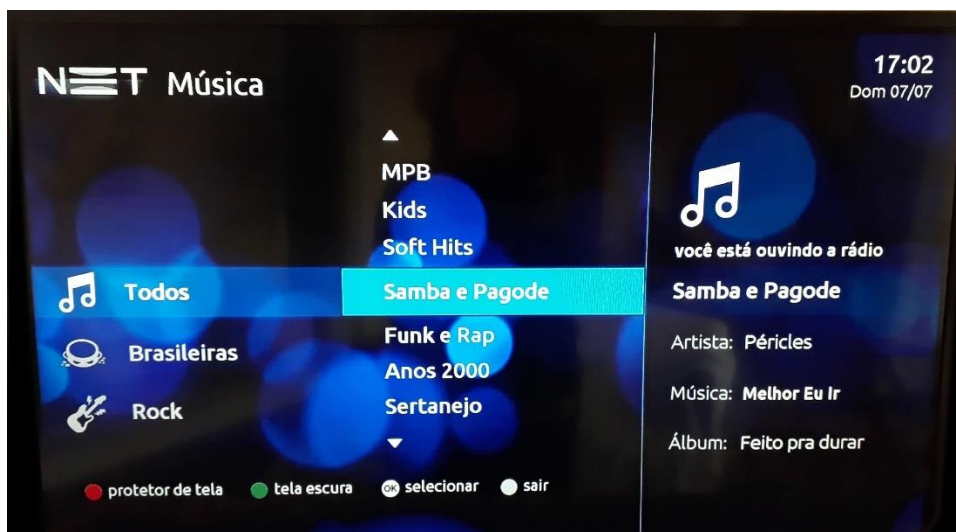


FIGURA 2: Foto da tela de navegação dos canais musicais da TV por assinatura NET. Em exibição o canal “Samba e Pagode” demonstrando a música *Melhor eu ir*, do artista Péricles, pertencente ao álbum *Feito para durar*. Foto realizada pela autora no domingo, 7 de julho de 2019 às 17:02.

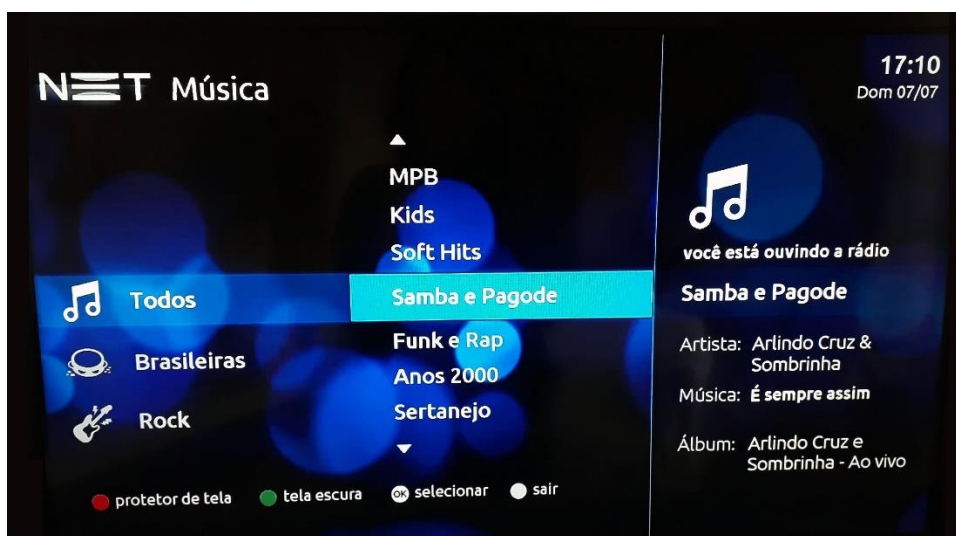


FIGURA 3: Foto da tela de navegação dos canais musicais da TV por assinatura NET. Em exibição o canal “Samba e Pagode” demonstrando a música *É sempre assim*, dos artistas Arlindo Cruz e Sombrinha, pertencente ao álbum *Arlindo Cruz e Sombrinha – Ao vivo*. Foto realizada pela autora no domingo, 7 de julho de 2019 às 17:10.

Acompanhando as tendências, ou mais apropriado seria dizer, ditando as tendências atuais do mercado de música, plataformas de consumo musical via *streaming*,

como Deezer e Spotify começam a deixar mais nítida a inclinação por diluir as fronteiras e reunir os segmentos do pagode e do samba de raiz. A imagem a seguir exibe os rótulos musicais da plataforma Deezer, onde podemos verificar a presença do selo “Samba e pagode” circulado em vermelho.

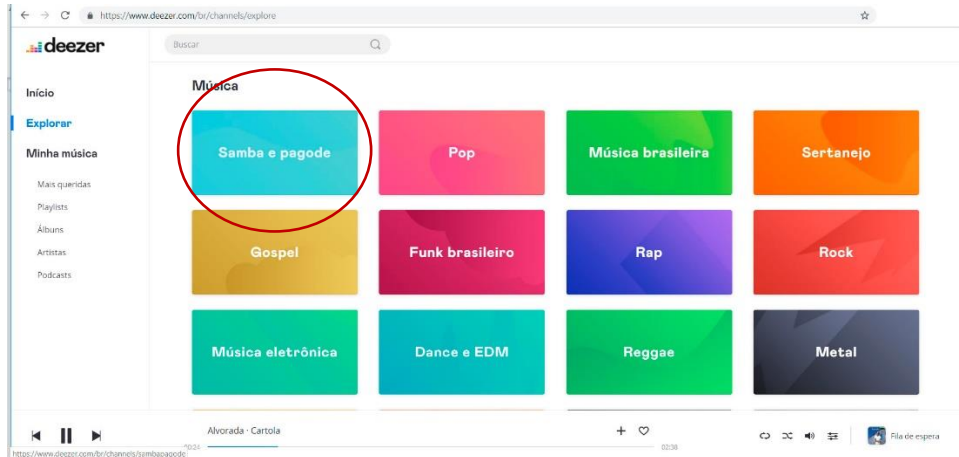


FIGURA 4: *Printscreen* da tela de navegação dos rótulos musicais da plataforma Deezer. Em exibição o canal “Samba e pagode” Capturado pela autora em 7 de julho de 2019.

Como assinante da Deezer, tenho atuado como observadora participante, acompanhando as listas de samba desde 2016. Explorar a plataforma como um todo é um mundo à parte e mais que um artigo exclusivo, renderia uma nova tese. Para se ter uma ideia, o simples ato de digitar a palavra **samba** no campo de buscas gera o resultado de 299 *playlists*. Fazendo o mesmo teste com o termo **pagode** a busca gera uma lista a mais, somando 300 *playlists*, conforme ilustram as imagens abaixo.

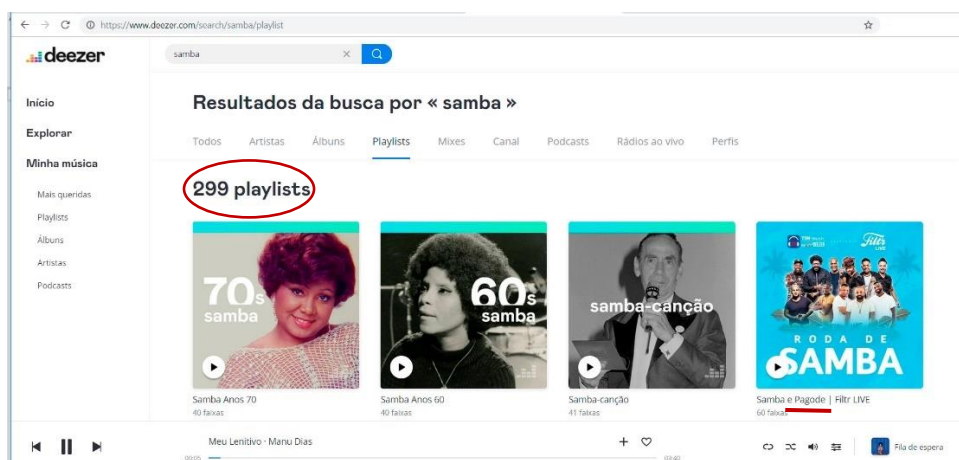


FIGURA 5: *Printscreen* da tela originada a partir da busca pela palavra samba no site da Deezer. Capturado pela autora em 6 de julho de 2019.

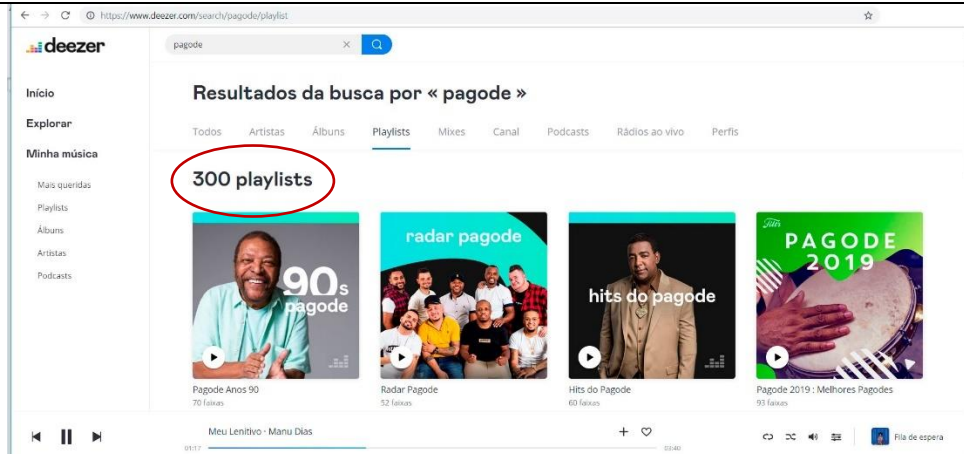


FIGURA 6: *Printscreen* da tela originada a partir da busca pela palavra pagode no site da Deezer. Capturado pela autora em 6 de julho de 2019.

As estratégias de diluição das fronteiras entre os dois segmentos podem ser notadas já no layout das páginas acima, onde a presença de artistas como Alcione no segmento samba e Martinho da Vila no segmento pagode demonstram a ligação daquilo que um dia o mercado separou. Se observarmos mais atentamente as imagens, veremos que a palavra pagode aparece na Figura 5 junto a uma *playlist* chamada Roda de Samba, vinculando o significado do termo ao evento, conforme sua definição original.

Partindo para a exploração das centenas de *playlists*, selecionei apenas três para esta fase de retomada: Eu Sou o Samba; Samba Sim Senhor; e Samba de Raiz. O critério para escolha dessas três diante do rico manancial ofertado se deu em virtude dos títulos propagados. Conforme é possível notar, são títulos afirmativos no sentido de definir o que é samba e classificatórios no sentido de distinguir o samba de raiz. A tabela abaixo exhibe os artistas presentes em cada delas, além da imagem e do slogan que as representam. O número entre parênteses revela a quantidade de vezes em que o artista aparece na *playlist*:

Lista Eu Sou o Samba	Lista Samba Sim Senhor	Lista Samba de Raiz
		

Os melhores sambas você encontra aqui!	Quem não gosta de samba...bom sujeito não é	Se é samba de raiz que você queria, aqui tem!
<p>Chico Buarque (7)</p> <p><u>Martinho da Vila</u> e Paulinho da Viola (5)</p> <p>Jorge Bem (4)</p> <p>Beth Carvalho, <u>Clementina de Jesus</u>, Adoniran Barbosa e Cartola (3)</p> <p><u>Bezerra da Silva, Os Originais do Samba, Pretinho da Serrinha, Velha Guarda da Portela, Vinícius de Moraes, Zé Ketí e Zeca Pagodinho</u> (2).</p> <p>Com aparições únicas Clara Nunes, Nelson Cavaquinho, Mestre Marçal e Tom Zé.</p>	<p>Adoniran Barbosa, Demônios da Garoa, Diogo Nogueira Gilberto Gil, Martinho da Vila, M'arnália, <i>Péricles</i> e Zeca Pagodinho (2)</p> <p>Com aparições únicas: Agepê Dona Ivone Lara, Dona Onete, <i>Grupo Revelação</i>, Jair Rodrigues, Jovelina Pérola Negra, Leci Brandão, Marisa Monte, Mauro Diniz, Paulinho da Viola, Pretinho da Serrinha, <i>Raça Negra, Sambstar</i>, Toinho Melodia, entre outros.</p>	<p>Paulinho da Viola e <u>Beth Carvalho</u> (4);</p> <p><u>Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e Martinho da Vila</u> (3);</p> <p>Adoniran Barbora, <u>Almir Guineto</u>, Cartola, Candeia, Dona Ivone Lara, Grupo <u>Fundo de Quintal</u>, Nelson Cavaquinho, João Nogueira, Nelson Sargento, <u>Os Originais do Samba</u> (2).</p> <p>Com aparições únicas: Noca da Portela, Zé Ketí e Elton Medeiros, entre outros.</p>

Examinando a tabela, chama atenção os nomes sublinhados na primeira e na terceira colunas e os grifados em azul na coluna do meio. Nas listas *Eu sou o samba* e *Samba de raiz* a presença dos artistas fronteiriços estão destacadas, enquanto na lista *Samba sim senhor* os destaques vão para a tentativa de inserção de artistas originários do pagode.

Paralelamente, as imagens de Zeca Pagodinho, Dona Onete e Adoniran Barbosa são utilizadas na tentativa de representar o clima do conteúdo de cada uma das listas. A imagem de Zeca está associada a sambas alegres, festivos e o slogan da lista acompanha essa conceituação afirmando categoricamente: *Os melhores sambas você encontra aqui!* Já a imagem de Dona Onete, remete ao mesmo tempo à ideia de tradição e modernidade. Tradição pela história e até mesmo pela idade da artista, modernidade pelo ecletismo de sua obra e a inserção razoavelmente recente da artista no *mainstream* musical. Acompanhando a ideia de que muitas variações de samba podem ser classificadas como samba, o slogan confirma: *É samba sim senhor! Quem vai negar que seja?* E por fim, a imagem de Adoniran Barbosa representando a lista *Samba de raiz*, ironicamente, um compositor paulista, mas de toda forma, respeitadíssimo dentro do universo do samba

tradicional. Com um *slogan* ao mesmo tempo assertivo e “rabugento”, bem no estilo Adoniran, o ouvinte é alertado: *Se é samba de raiz que você queria, aqui tem!*

Considerações finais

Ainda há muito trabalho empírico pela frente. A exemplo do que foi realizado na tese, será preciso observar e analisar mais profundamente a dinâmica do rádio musical expandido e analisar mais profundamente um *corpus* que possa fornecer dados relacionados com a produção, o consumo (incluindo a formação de identidades sociais) e a regulação desse rádio, e demonstrar como tudo isso é capaz de afetar a representação do samba.

Neste primeiro momento de retomada da pesquisa, consegui recapitular o que foi feito e avaliar o estado da arte de forma ainda genérica. Além disso, mesmo que superficialmente, as perguntas colocadas no início do artigo possuem respostas ou, ao menos, caminhos para elas.

Entre os produtos vinculados ao rádio musical expandido vistos aqui, percebemos que as representações do samba como “samba de raiz” sobrevivem no cenário atual, apesar de não serem mais tão rígidas. Embora as circunstâncias atuais apontem para uma possível diluição das fronteiras entre samba e pagode, ainda é cedo para termos certeza se o agrupamento de repertório e artistas de ambas as vertentes se consolidará. Mesmo que como estratégia para esse fim, a presença de artistas fronteiriços nas listas de execução esteja sendo bem aplicada.

Caso o quadro se confirme, poderemos, aí sim, vislumbrar que outras representações acerca do samba surgirão. Por enquanto, conseguimos notar um esforço vindo de diversas frentes do rádio musical expandido em incluir artistas pertencentes aos distintos segmentos num só caldeirão. Resta saber se o público que se habituou ao consumo mais direcionado, aceitará essa mudança? Ou se tal mudança se baseia na formação e novos públicos ou melhor, nos novos consumidores musicais. Quem são eles, afinal?

Um próximo passo para a pesquisa é revisar a produção bibliográfica sobre o perfil consumidor do rádio musical expandido para adquirir condições de avaliar se nesse novo

rádio, com seus novos consumidores, a temática da representação do samba ainda será relevante para a identidade cultural brasileira?

É extremamente prematuro afirmar que sim. Mas enquanto a nova fase da pesquisa amadurece, é importante lembrar que o imaginário que envolve o samba como símbolo da cultura brasileira, também enaltece o samba de raiz como fruto da tradição musical do país. Uma tradição que permanece estimulada dentro do universo sociológico do samba. Nesse sentido, a questão não é exatamente se a representação do samba ainda será um tema relevante, no âmbito do rádio musical expandido, pois certamente será. A questão que fica é como ela se dará? Em cima de quais modelos de produção, consumo e regulação? Que identidades sociais ela fomentará? Que estratégias adotará? A ver e a escutar...

REFERÊNCIAS

BENZECRY, L. **Playing Samba on the Web: How the Urban Samba from Rio de Janeiro is being Represented in the Expanded Musical Radio**. In: J. Ignacio Gallego; Manuel Fernández-Sande; Nieves Limón. (Org.). Trends in Radio Research Diversity, Innovation and Policies. 1/1ed. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2018, v. 1, p. 89-108.

_____. **O samba no rádio: do Rio para o Brasil**. Curitiba: Ed. Appris, 2017.

_____. **A radiodifusão sonora do samba urbano carioca: uma retrospectiva crítica das principais representações construídas acerca desse gênero musical em programas radiofônicos do Rio de Janeiro**. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

_____. **Critérios para Formação de Repertório no Rádio Musical: práticas e interesses consolidados em perspectiva histórica**. In: XI Encontro Nacional de História da Mídia, 2017, São Paulo. Anais do 11o Encontro Nacional de História da Mídia - 2017, 2017.

DU GAY, P. et al. (org). **Doing Cultural Studies: the history of the Sony Walkman**. Londres: Sage, 1997.

FERRARETTO, L.A. **Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil**. In: Anais do 4º Encontro Nacional da ULEPICC - BRASIL (União Latina de Economia Política da Comunicação). Rio de Janeiro, 2012.

KISCHINHEVSKY, M. ; BENZECRY, L. **Interações no rádio musical expandido: um aporte etnográfico**. Galáxia (São Paulo. Online), v. 14, p. 184-198, 2014.